



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ANNA CAROLINA FERREIRA BARROS**

**A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO A PARTIR DA  
LITERATURA INFANTIL**

Brasília-DF

2025

**ANNA CAROLINA FERREIRA BARROS**

**A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO A PARTIR DA  
LITERATURA INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Educação da  
Universidade de Brasília como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Pedagogo(a)

Nome do orientador: Prof. Dr. Paulo  
Henrique de Felipe.

Brasília-DF

2025

# **A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do  
Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília da estudante:

Anna Carolina Ferreira Barros

Prof. Dr. Paulo Henrique de Felipe  
Professor Orientador

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Mello Lacé  
Banca Examinadora

Prof. Fabrício Martins  
Banca Examinadora

Brasília-DF, 17 de dezembro de 2025

“Gosto de manusear um livro. O livro é a  
melhor invenção do homem”.

Carolina Maria de Jesus

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, que sempre foi fonte de energia e afeto, e que, mesmo tendo tido pouco acesso à educação, nunca deixou de acreditar em sua potência transformadora.

Agradeço às minhas irmãs Ana Beatriz, Maria Eduarda e Sophia que são presença, fonte de inspiração e potência.

Agradeço aos meus professores de toda a educação básica por acreditarem na educação emancipadora e em mim.

Agradeço aos meus amigos que caminharam comigo, oferecendo apoio, escuta e energia durante essa etapa.

Agradeço à Escola do Cerrado e a Vivendo e Aprendendo, espaços vivos de uma educação que acredita no coletivo, no diálogo e na construção compartilhada do saber.

Sou profundamente grata a todas as professoras e estagiárias com quem tive a oportunidade de compartilhar a sala de aula e de aprender, foram encontros que deixaram marcas e me constituíram como a educadora que sou hoje.

Agradeço, de maneira especial, ao professor Paulo Henrique, que me orientou com cuidado, sensibilidade e compromisso na construção deste trabalho.

## MEMORIAL

Me chamo Anna Carolina, tenho 22 anos e sou a terceira de quatro filhas. Minhas irmãs se chamam Maria Eduarda, Ana Beatriz e Sophia, elas são parte essencial da minha vida e da minha história. Cresci em um bairro no Valparaíso de Goiás, convivendo diariamente com minhas irmãs, meus avós e minha tia, pois minha mãe precisava trabalhar. Meus pais não possuem ensino superior e meus avós maternos são analfabetos, mas, apesar disso, sempre valorizaram profundamente a educação. Meu avô, em especial, teve um papel importante na minha trajetória escolar, todos os dias me levava e buscava na escola, assim como me incentivava nos estudos.

Minha vida escolar começou na Educação Infantil pública, da qual não guardo lembranças. Em seguida, ingressei em uma escola católica filantrópica que recebia auxílio da prefeitura. Do meu 1º ano ao 7º ano do Ensino Fundamental II, não era necessário pagar mensalidade, mas a prefeitura deixou de oferecer apoio financeiro e a escola passou a oferecer bolsas integrais para estudantes antigos. Minhas irmãs e eu recebemos essa bolsa, mas, com o tempo, tornou-se financeiramente inviável para a instituição mantê-las. Depois, a escola ofereceu 50% de bolsa, que usufruí por um ano, até que ela foi descontinuada. A partir daí, meus pais passaram a pagar uma mensalidade social.

Durante os anos iniciais, tive uma professora que marcou profundamente a minha trajetória: a professora Angelina, com quem mantenho contato até hoje e a quem agradeço por ter sido parte da minha formação. No ensino fundamental II e no ensino médio, tive os mesmos professores. Dois deles foram referência para minha aprovação na Universidade, o professor Victor, de Matemática, e o professor Thiago, de História. Ambos reforçavam a importância da educação como caminho de transformação social, especialmente para estudantes de classe baixa. Sou imensamente grata aos dois.

No ensino médio tive bons professores, e muitos compartilhavam suas próprias experiências na UnB, e isso despertou meu interesse pelo ensino superior. Minhas irmãs, que são gêmeas e um ano mais novas do que eu, também foram minha inspiração, enquanto eu estava no 9º ano, elas iniciavam o ensino médio e

vivenciavam esse incentivo dos professores. Em 2019, elas foram aprovadas pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS), uma em Ciências Contábeis e a outra em Terapia Ocupacional.

Em 2020, cursando o último ano do ensino médio no contexto da pandemia, tive aulas online enquanto estudava paralelamente às obras do PAS, pois minha escola não as trabalhava sistematicamente. Em 2021 entrei no projeto voluntário Escola do Cerrado, que atua com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Permaneci no projeto por um ano e aprendi muito sobre educação com amorosidade, acolhimento e compromisso social.

A última prova do subprograma de 2018, adiada pela pandemia, aconteceu apenas no meio do ano de 2021. No período de inscrição, eu estava indecisa sobre qual licenciatura escolher, entre História, Artes Visuais e Pedagogia, após ler as grades curriculares, percebi que Pedagogia era a que mais condizia com meu desejo de trabalhar com crianças e com minha visão de educação.

Fui aprovada em Pedagogia pelo PAS e, desde o primeiro semestre, iniciei minha experiência com estágios. Meu primeiro estágio foi em uma escola tradicional, com crianças de 2 anos. Apesar de gostar de trabalhar com crianças pequenas, não me identifiquei com a metodologia e permaneci apenas seis meses. Em seguida, estagiei em uma escola de creche e educação infantil, onde encontrei práticas mais próximas do que eu buscava, principalmente no que diz respeito a educação respeitosa e ao trabalho colaborativo, mas ainda assim, sentia que faltava algo.

Foi então que conheci a escola Vivendo e Aprendendo, ali me encontrei! A proposta pedagógica baseada na formação integral, no respeito à infância e na abordagem de temas significativos desde cedo correspondem ao que acredito.

Durante meus anos na UnB, por precisar conciliar a rotina de transporte público, trabalho e estudos, não consegui participar de tudo que a universidade oferece, apesar disso, participei de um projeto de extensão no Instituto de Biologia, da Mostra de Estágios, da Semana Universitária e da organização de alguns eventos acadêmicos.

## RESUMO

Este trabalho busca compreender a importância da literatura infantil na formação de sujeitos críticos e analisar de que modo ela pode atuar como ferramenta para a desconstrução dos estereótipos de gênero no contexto escolar. A pesquisa analisa como a temática aparece nos documentos norteadores da educação pública do Distrito Federal (DF), sendo eles: Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Currículo em Movimento do DF. A obra *Julián é uma sereia*, foi selecionada como referência principal por tratar questões que são frequentemente consideradas tabus na sociedade e por se apresentar como recurso potente para o debate sobre diversidade de gênero na infância. A metodologia abordada foi qualitativa, articulando revisão bibliográfica e pesquisa de campo realizada em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Os resultados indicam que a literatura infantil, quando mediada com intencionalidade, favorece a reflexão crítica e amplia as possibilidades de representações e reconhecimento no ambiente escolar e fora dele.

**Palavras-chave:** estereótipos; gênero; literatura infantil; desconstrução;

## ABSTRACT

This study seeks to understand the importance of children's literature in the formation of critical individuals and to analyze how it can function as a tool for the deconstruction of gender stereotypes in the school context. The research examines how this theme appears in the guiding documents of public education in the Federal District of Brazil (DF), namely the National Common Curriculum Base (BNCC) and the Curriculum in Motion of the Federal District. The book *Julián is a Mermaid* was selected as the main reference because it addresses issues that are often considered taboos in society and serves as a powerful resource for promoting discussions on gender diversity in childhood. The methodology adopted was qualitative, combining a literature review with field research conducted in a 2nd-grade elementary school classroom. The results indicate that children's literature, when mediated with intentionality, fosters critical reflection and broadens the possibilities for representation and recognition both within and beyond the school environment.

**Keywords:** stereotypes; gender; children's literature; deconstruction;

## **SUMÁRIO**

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.2 O QUE É GÊNERO?.....	11
1.3 PAPEL DA ESCOLA NA DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO.....	11
1.4 ENSINO DE GÊNERO NOS DOCUMENTOS NORMATIVOS.....	13
1.5 POTÊNCIAS DA LITERATURA INFANTIL.....	16
2.METODOLOGIA.....	20
3. DESCRIÇÃO DO PROCESSO E ANÁLISE DO TRABALHO DE CAMPO.....	22
4. CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

## 1 INTRODUÇÃO

Discutir gênero no ambiente escolar é essencial para garantir que as crianças tenham espaço para refletir e, possivelmente, se desvincular dos estereótipos considerados corretos na sociedade. A literatura infantil, nesse sentido, surge como uma importante aliada das práticas educativas, oferecendo subsídios para trazer esse tema para dentro da sala de aula, utilizando uma linguagem acessível e significativa para as crianças. Segundo Abramovich:

Ler histórias para crianças, [...] É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões [...]. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) [...] É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) ... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas.. (ABRAMOVICH, 2003, p. 17).

Promover reflexões acerca da diversidade contribui para a formação de uma geração comprometida em combater a discriminação e em questionar as normas sociais estabelecidas, em busca de uma sociedade mais justa e plural. No entanto, é importante reconhecer que as crianças não estão imunes a reprodução de comportamentos sexista; as mídias que consomem, como desenhos animados, redes sociais, novelas e, muitas vezes, a própria literatura, perpetuam padrões de gênero limitadores. Por isso, é necessário utilizar a literatura, bem selecionada, como aliada na construção de um olhar mais crítico e inclusivo.

Segundo relatório do Observatório do Grupo Gay da Bahia<sup>1</sup>, por meio do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC), o Brasil manteve, em 2024, a posição de país com o maior número de homicídios e suicídios de pessoas LGBTQIAPN+ no mundo. Foram registradas 291 mortes violentas, representando

---

<sup>1</sup> O Grupo Gay da Bahia (GGB) é uma organização não governamental de defesa dos direitos LGBTQIAPN+, fundado em 1980 em Salvador pelo antropólogo e ativista Luiz Mott.  
Link de acesso:  
<https://cedoc.grupodignidade.org.br/2025/01/27/observatorio-2024-de-mortes-violentas-de-lgbt-no-brasil-grupo-ggb/>

um aumento de 8,83% em relação a 2023. Os dados explicitam a vulnerabilidade dessa população e a urgência de políticas públicas e ações educativas que promovam o respeito à diversidade e garantam proteção à vida.

Diante disso, este trabalho se justifica por abordar uma temática que, a nosso ver, necessita ser promovida, desde os primeiros anos da escolarização, por meio de práticas pedagógicas que contribuam para a desconstrução de estereótipos de gênero. Para isso, realizaremos a pesquisa de campo, observando como as crianças reagem, interpretam e dialogam com o livro de Jessica Love, intitulado *Julián é uma sereia*. Desse modo, observaremos se a literatura infantil, quando escolhida com intencionalidade, torna-se uma ferramenta potente para ampliar o olhar das crianças sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o mundo, possibilitando que elas reflitam, questionem e respeitem as diferentes formas de ser.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar de quais maneiras a literatura infantil pode contribuir como ferramenta pedagógica para oferecer às crianças subsídios para a reflexão sobre os estereótipos e violências de gênero, bem como possibilitar a valorização da diversidade. Quanto aos objetivos específicos, são eles: (i) analisar a importância de trabalhar a temática de gênero com crianças; (ii) analisar o processo histórico e político de silenciamento das discussões de gênero na escola e seus efeitos na formação crítica das crianças; (iii) avaliar o potencial da literatura infantil como recurso para a desconstrução de estereótipos de gênero.

Para atingir os objetivos aqui propostos, o trabalho está dividido em seis seções: na seção 1, apresentamos a introdução; na seção 2, discutiremos o conceito de gênero, articulado com a relação em que o sujeito se expressa na sociedade; na seção 3, abordaremos a importância da escola na desconstrução dos estereótipos de gênero; na seção 4, analisaremos como o estudo de gênero aparece nos documentos normativos da educação básica brasileira e do Distrito Federal; na seção 5, apresentaremos a potencialidade da literatura infantil na formação de sujeitos críticos; na seção 6, apresentaremos a análise do trabalho de campo. E por fim, apresentamos as conclusões seguidas das referências utilizadas na pesquisa.

## **1.2 O QUE É GÊNERO?**

O termo gênero refere-se às características, comportamentos e papéis socialmente construídos e atribuídos a mulheres, homens, meninas e meninos (OMS, 2022). Trata-se, portanto, de uma construção social e cultural, que vai além do sexo biológico. O gênero não se limita às características biológicas de um indivíduo, pois está relacionado às formas pelas quais as pessoas se percebem, se expressam e se constituem em diferentes contextos históricos e culturais.

Enquanto o sexo é determinado biologicamente, o gênero é aprendido e vivenciado nas interações sociais, assim, uma pessoa pode se identificar com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído ao nascer. Conforme Louro (1997), o gênero é um elemento constituinte da identidade do sujeito, sendo por meio dele que o indivíduo compreende o mundo, estabelece relações e se reconhece como parte de um grupo social.

A sociedade, entretanto, ainda se estrutura a partir de uma visão binarista de gênero, que reconhece apenas duas possibilidades de ser, que são: homem ou mulher, associando a cada uma delas papéis, comportamentos e aparências predefinidos, portanto, perpetuam-se estereótipos que determinam, por exemplo, que mulheres devem ser delicadas e vestir rosa, enquanto homens devem ser fortes e vestir azul, tais padrões limitam as formas de ser e de existir, restringindo a liberdade de expressão e a aceitação da diversidade.

## **1.3 PAPEL DA ESCOLA NA DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO**

Romper com a ideia de masculinidade e feminilidade como as duas únicas formas possíveis de existir já representa um passo importante na desconstrução dos estereótipos de gênero, pois esse movimento amplia o olhar sobre a diversidade humana e abrange grupos que não se enquadram ou não se sentem pertencentes a essas definições rígidas.

A construção de gênero pode ser compreendida como um processo histórico e social em constante transformação. Como afirma Louro (1997, p. 67):

Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais — e da homossexualidade — pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda 'eliminá-los/as', ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas 'normais' os/as conheçam e possam desejá-los/as.

Essa citação evidencia como o silenciamento em torno das identidades de gênero contribui para a manutenção de preconceitos e violências. A escola como um espaço potente e cheio de experiências, em conjunto com a literatura infantil, criam um universo capaz de aproximar as crianças, desde bem pequenas, da diversidade de identidades a partir da literatura. O debate sobre gênero e sexualidade contribui para a diminuição da violência contra a comunidade LGBTQIA+, na medida que promove o reconhecimento das múltiplas formas de existir e, a partir disso, surge a necessidade de inserir as discussões no ambiente escolar. Mas é perceptível um certo medo por parte dos docentes em abordar essa temática, principalmente, após a crescente onda do conservadorismo no Brasil, em que quando esse assunto foi trabalhado, fora considerado ideologia de gênero.

O termo ideologia de gênero surgiu no final dos anos 1990 e foi difundido por grupos políticos e religiosos que tinham e ainda têm o objetivo de vetar os estudos sobre gênero, orientação sexual e identidade. Segundo Paternotte e Kuha (2018, p. 511),

A invenção da 'ideologia de gênero' está intimamente ligada a debates no interior da Igreja Católica. No entanto, ela é não apenas uma questão religiosa: essas campanhas se conectam com o crescente populismo de direita na Europa e, em menor medida, com a homofobia política concebida como um projeto político para consolidar o poder do Estado.

No início dos anos 2000, o Governo Federal criou o projeto Brasil Sem Homofobia, com o objetivo de combater os preconceitos contra a comunidade LGBTQIA+ no espaço escolar e na sociedade. Foram produzidos materiais informativos que buscavam esclarecer conceitos sobre diversidade sexual e desmistificar estereótipos acerca dessa comunidade, com a intenção de distribuí-los a gestores, professores, famílias e alunos. No entanto, sob pressão de setores conservadores e após o material ser apelidado de "kit gay" pelo então deputado federal Jair Messias Bolsonaro, o projeto sofreu forte rejeição social. Diante da repercussão negativa e do temor de famílias conservadoras de que seus filhos "se tornassem homossexuais", a então presidenta Dilma Rousseff decidiu

vetar a distribuição dos materiais, alegando inadequação do conteúdo (CASADO, 2020).

Desse modo, é necessário compreender a escola como um território formativo que atua diretamente na construção das subjetividades. A escola é responsável por criar condições para que todas as crianças se reconheçam e se sintam reconhecidas, desenvolvendo relações pautadas no respeito, na empatia e nos direitos humanos. Assim, assumir a desconstrução dos estereótipos de gênero como parte de sua função social significa promover práticas pedagógicas que acolham a diversidade e que problematizam discursos hegemônicos que historicamente excluem determinados grupos. Para que isso aconteça, é fundamental que o trabalho pedagógico esteja alinhado a uma perspectiva crítica, que permita às crianças e aos adolescentes refletir sobre narrativas que limitam os modos de existir e de se expressar. A literatura infantil, os projetos interdisciplinares, as rodas de conversa, as atividades artísticas e as vivências cotidianas são ferramentas potentes para introduzir, de forma sensível e adequada à faixa etária, discussões sobre respeito às diferenças e pluralidade de identidades.

#### **1.4 ENSINO DE GÊNERO NOS DOCUMENTOS NORMATIVOS**

Ao analisar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC<sup>2</sup>), documento normativo da educação básica que define as aprendizagens essenciais para todos os estudantes e visa a formação humana integral e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018), nota-se que temas como gênero, orientação sexual e diversidade sexual estão ausentes dos objetos de conhecimento e das habilidades previstas, tal ausência revela um padrão de apagamento e marginalização das discussões sobre a comunidade LGBTQIA+.

Uma busca pela palavra “gênero” na BNCC aparece cerca de 320 vezes, todas relacionadas aos diferentes tipos de gênero textual. Já o termo “diversidade”

---

<sup>2</sup> A construção da BNCC deu-se em um período de transição política, marcado pela mudança do governo Dilma Rousseff para o governo Michel Temer, em meio a interesses políticos vigentes. O documento foi elaborado com a participação de empresas privadas e gestores, e, em menor proporção, de professores, tendo como objetivo a homogeneização da educação brasileira. Esse processo acabou por excluir temas relevantes do cotidiano escolar, desconsiderando, em muitos aspectos, as necessidades educacionais dos sujeitos.

aparece 145 vezes, referindo-se, na maioria das vezes, à diversidade cultural, humana, textual ou de saberes. Embora esses temas sejam igualmente relevantes, a diversidade sexual é praticamente desconsiderada, evidenciando uma lacuna significativa, apenas dois trechos do documento fazem menção indireta à diversidade de gênero, presentes nas competências gerais da educação básica: “Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos [...] e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.” Além disso, no tópico sobre o compromisso com a educação integral, afirma-se que: “a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.”

A BNCC, sendo um documento de caráter amplo e referencial na construção de saberes, deveria contemplar, de forma explícita, temas que abordem a diversidade sexual e de gênero, a fim de promover o respeito às diferenças. A ausência dessas temáticas reforça a desqualificação de uma educação inclusiva e impede avanços na desconstrução de estereótipos e na valorização da pluralidade humana.

Já o Currículo em Movimento do Distrito Federal<sup>3</sup> demonstra um compromisso evidente com as questões de gênero. A palavra “gênero” aparece 232 vezes, alternando entre referências ao gênero textual, que é de maior ocorrência, e à educação para a diversidade de gênero, presente desde o 1º ano do Ensino Fundamental até o 9º ano. O documento tem como base teórica e pedagógica a pedagogia histórico-crítica e a psicologia histórico-cultural, que buscam o desenvolvimento integral das crianças para que se tornem capazes de construir uma sociedade mais justa, ética, democrática, responsável, inclusiva, sustentável e solidária (DISTRITO FEDERAL, 2018).

O currículo reconhece que:

A linguagem e o modo como ela é usada marcam lugares sociais das pessoas, sejam elas jovens, idosas, mulheres ou homens (cisgênero ou transgênero), lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgênero e intersexuais – LGBTI, negros, brancos, indígenas, das periferias, do campo ou dos centros urbanos, entre outros. É a abertura para aceitação de diferentes línguas e maneiras de estar e ser no mundo

---

<sup>3</sup> Documento norteador das práticas educativas do Distrito Federal

[...] possibilita uma educação capaz de promover e fortalecer a formação de indivíduos autônomos, críticos, conscientes de si e acolhedores das diferenças e das dimensões humana e social de outras culturas e da sua própria (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 126).

No componente curricular de Ciências, é possível observar com maior responsabilidade essa atenção às questões de gênero. No conteúdo previsto para o 1º ano, encontra-se a seguinte orientação: “A diversidade entre os indivíduos e a importância do acolhimento e do respeito às diferenças físicas, socioeconômicas, étnico-raciais, de gênero, de orientação sexual, de idade e culturais.” O objetivo correspondente a esse conteúdo é: “Compreender a importância da valorização, do acolhimento e do respeito às diferenças [...] de gênero, de orientação sexual, de idade e culturais para a promoção da convivência harmoniosa em sociedade.” A presença explícita deste conteúdo mostra que o Currículo em Movimento do DF reconhece a relevância de abordar as diferenças e a diversidade de gênero desde os primeiros anos escolares, promovendo um currículo que valoriza a pluralidade.

Ao estabelecer uma comparação entre a BNCC e o Currículo em Movimento do DF, observa-se uma diferença significativa na forma como as questões de gênero são tratadas. Enquanto a BNCC, mesmo sendo um documento amplo e orientador da educação básica brasileira, não menciona explicitamente temas como gênero, sexualidade e diversidade sexual, o Currículo em Movimento do DF assume uma postura mais comprometida e crítica diante dessas temáticas. O documento distrital reconhece a importância de trabalhar o respeito às diferenças desde o início da escolarização, mencionando expressamente o gênero e a orientação sexual em diversos componentes curriculares, como Ciências, Língua Portuguesa e Ensino Religioso. Essa abordagem é consolidada com os princípios da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural, bases teóricas do currículo, que compreendem a educação como prática social transformadora e voltada para a formação integral do sujeito.

## **1.5 POTÊNCIAS DA LITERATURA INFANTIL**

Diante do estudo sobre o papel da escola na desconstrução dos estereótipos de gênero e do apagamento da temática nos documentos normativos, uma solução

para as escolas seria discutir a temática por meio da literatura infantil, já que esta amplia a compreensão de múltiplas experiências.

A leitura, além de fonte de entretenimento, constitui-se como uma ferramenta formativa capaz de desenvolver a criticidade e ampliar a compreensão do mundo. Já a literatura possibilita ao leitor vivenciar experiências que não são necessariamente suas, oferecendo contato com múltiplas narrativas e modos de existir. Ao permitir o acesso a diferentes pontos de vista, a literatura assume um caráter humanizador, contribuindo para que crianças e adolescentes se tornem sujeitos capazes de questionar o mundo e problematizar o *status quo*<sup>4</sup>. Zilberman (1985) destaca que a literatura infantil cumpre importante função social ao favorecer a construção da subjetividade e ao permitir que as crianças interpretem o mundo de forma racional e por meio da fantasia, da emoção e da sensibilidade.

Ao discutir o silenciamento de determinados temas no ambiente escolar, Oliveira (2024) argumenta que impedir as crianças de acessar certos conteúdos, não as protege, ao contrário, as afasta do lugar que lhes é de direito: o lugar do questionamento, da problematização e até mesmo das confusões que fazem parte do processo de aprender. Afastar as crianças de temas considerados “tabus” significa negar à elas o direito a uma educação crítica, política e de qualidade. É fundamental reconhecer que elas são capazes de elaborar sentidos complexos, desde que a linguagem seja adequada à sua faixa etária, restringir conteúdos por receio é, na prática, subestimar suas capacidades de interpretação, reflexão e formulação de pensamento.

Abramovich (1989) reforça a ideia de que a literatura infantil tem o poder de ampliar os repertórios das crianças e favorecer processos de identificação ou estranhamento, ambos essenciais para a construção de subjetividades e para a compreensão das diversas formas de organização social. Desde muito cedo, as crianças demonstram interesse por diferentes tipos de narrativas, e tal interesse está diretamente relacionado às vivências que constroem. Por isso, temas considerados “polêmicos” não devem ser evitados, mas sim abordados com

---

<sup>4</sup> *Status Quo* é um termo em latim que significa "o estado das coisas". Frequentemente usado para descrever a situação atual, ou seja, a maneira como as coisas estão agora. Disponível em: <https://dicionariodireito.com.br/status-quo/>

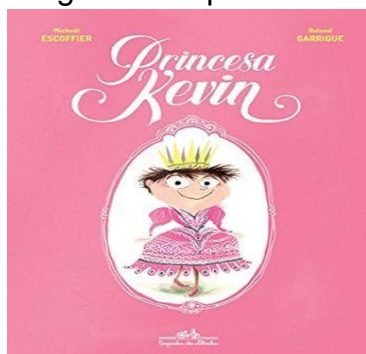
cuidado e responsabilidade, permitindo que a criança elabore suas percepções, faça perguntas e desenvolva sua capacidade reflexiva.

A infância é um período decisivo na formação de identidades, valores e crenças. Nesse sentido, a literatura infantil desempenha papel significativo ao estimular a construção de sujeitos críticos, reflexivos e sensíveis às diferenças. Como afirma Freire (1996), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e é nessa articulação entre experiência e linguagem que se fortalece a compreensão das estruturas sociais e a possibilidade de transformá-las. Assim, a literatura torna-se um recurso central para a formação de crianças que possam reconhecer e respeitar a diversidade humana.

Os livros infantis, portanto, configuram-se como instrumentos políticos e pedagógicos, exigindo análise criteriosa por parte de professoras e professores. É fundamental observar tanto os textos quanto as imagens, considerando que muitas obras ainda reproduzem estereótipos de gênero, preconceitos e visões restritas do mundo. Para Abramovich (1989, p. 40): “Preconceitos não se passam apenas através de palavras, mas também — e muito!! — através de imagens”. Por isso, compete aos profissionais da educação e às famílias selecionarem obras que ampliem as perspectivas das crianças e promovam práticas de leitura que valorizem a diversidade e estimulem a reflexão.

Diante disso, apresento livros que contribuem para a formação de sujeitos que respeitam a pluralidade de pessoas e que favorecem a construção de espaços mais inclusivos, pois permitem que os estudantes reconheçam a diversidade como parte constitutiva da vida social e desenvolvam o acolhimento da diversidade.

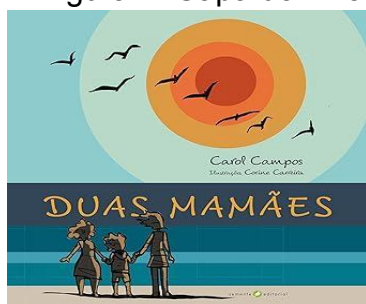
Figura 1: Capa do livro



Fonte: Amazon (2025)

Kevin é um menino que, no dia da fantasia da escola, ele deseja se vestir de princesa. Este livro busca desconstruir os padrões de gênero ao mostrar que as crianças não precisam se limitar para se adequar às expectativas sociais.

Figura 2: Capa do livro



Fonte: Amazon (2025)

A história apresenta Pedro, uma criança que tem duas mães. Aborda a diversidade familiar e a homoparentalidade, contribuindo para ampliar o repertório sobre as diferentes composições familiares.

Figura 3: Capa do livro



Fonte: Amazon (2025)

A narrativa apresenta Olívia, que tem uma composição familiar diferente, ela tem dois pais. Trazendo normalidade para famílias homoafetivas ao destacar o afeto como elemento principal das relações familiares. O livro contribui para ampliar o repertório sobre os diferentes tipos de famílias.

Figura 4: Capa do livro

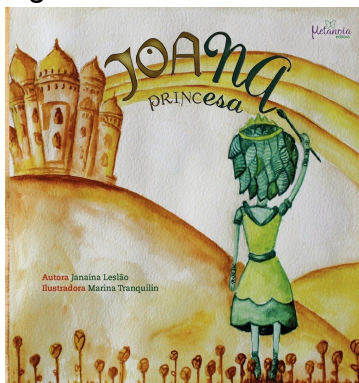
A narrativa conta a história de uma princesa que se apaixona por uma costureira. Rompendo com o



Fonte: Amazon (2025)

padrão heteronormativo tradicional dos contos de fadas, destacando amor, coragem e liberdade.

Figura 5: Joana Princesa



Fonte: Amazon (2025)

História de uma princesa que, ao nascer, recebeu o nome de João, mas que, ao crescer, passou a se identificar como uma menina e decidiu que seu nome seria Joana. A obra é importante para ampliar o repertório sobre dissidência de gênero.

Figura 6: Capa do livro



Fonte: Amazon (2025)

Livro que celebra a diversidade, a liberdade e o respeito. A obra contribui para o autoconhecimento e problematiza os rótulos impostos desde a infância, tornando-se um convite para refletir sobre as diversas formas de existir.

Com base na literatura como instrumento instigador de reflexões e conversas com crianças, apresento a seguir, a realização e a descrição do trabalho de campo realizado com livro *Julián é uma sereia*. Este livro foi utilizado para

realizar conversas sobre identidades e observar como as crianças interpretam narrativas.

## 2.METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, adotou-se a abordagem qualitativa e bibliográfica como metodologia, uma vez que esta possibilita compreender percepções, experiências e significados construídos pelos sujeitos envolvidos. De acordo com Gil:

O que se pretende com a pesquisa qualitativa é compreender como as pessoas interpretam suas experiências, constroem seus mundos e atribuem significado a suas experiências. A principal preocupação do pesquisador deve ser, portanto, a de compreender o fenômeno segundo a perspectiva dos participantes e não a sua. (2021, p.15)

Assim, esta pesquisa é orientada pela intenção de compreender os modos pelos quais a literatura pode provocar reflexões que contribuam para a formação crítica das crianças e de que modo elas se relacionam com essa temática.

No que diz respeito a pesquisa bibliográfica, Gil descreve seu desenvolvimento da seguinte forma:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. [...] As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (2001, p.44).

Dessa forma, utilizei a pesquisa bibliográfica para fundamentar teoricamente este estudo, sendo possível compreender o que os autores entendem por gênero, literatura e a construção dos estereótipos de gênero. Dessa forma, a metodologia adotada está articulada em 4 etapas, sendo elas: i) revisão bibliográfica para o embasamento teórico da pesquisa; ii) observação das rodas de história ; iii) a prática desenvolvida em sala; iv) a interpretação do estudo. A seguir apresento minuciosamente as etapas da pesquisa:

(i) levantamento bibliográfico: levantamento bibliográfico digital realizado por meio de pesquisas nos seguintes sítios: *Scientific Electronic Library Online*

(SCIELO), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD) e na plataforma de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para a seleção dos textos foi estabelecido um recorte temporal no período de 2017 até 2025. Para isso, foram utilizadas as seguintes palavras chaves: gênero, literatura infantil, estereótipos de gênero, crianças LGBTQA+ e importância da literatura.

(ii) Observação do campo: A segunda etapa consistiu na observação de três rodas de história em uma escola associativa sem fins lucrativos, localizada na Asa Norte, Brasília-DF, que neste trabalho será denominada como escola X. A escolha da escola se deu por sua proposta pedagógica que fundamenta-se na perspectiva histórico-cultural, e é orientada pelo respeito à individualidade e ao desenvolvimento integral de cada criança. O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola inclui o trabalho com as relações de gênero como eixo formativo, reconhecendo a escola como espaço de transformação social e de promoção da diversidade. A turma selecionada para a pesquisa foi o 2º ano do ensino fundamental, composta por treze crianças, sendo seis meninos e sete meninas, com idades entre sete e oito anos.

(iii) Execução da sequência didática: As aulas foram realizadas nos dias 3 e 5 de novembro, organizadas em dois encontros de 50 minutos cada. Planejei atividades que relacionavam o livro *Júlian é uma sereia* com a prática de escrita, expressão oral e a linguagem artística. Na primeira aula, realizei a leitura da obra e, em seguida, fizemos uma roda de conversa, na qual as crianças puderam expressar suas opiniões e interpretações sobre a narrativa. Já na segunda aula, propus que as crianças realizassem a releitura do livro. Inicialmente, pedi que fizessem uma releitura escrita, registrando, com suas próprias palavras, a história ou aspectos que considerassem mais significativos. Em um segundo momento, cada criança produziu uma representação artística do personagem sereia, com total liberdade criativa. Ao final, cada estudante apresentou sua produção ao grupo, explicando sua obra.

(iv) Após os encontros, analisei a relação que as crianças têm com estereótipos e como a literatura é capaz de quebrar esses paradigmas, articulando com o referencial teórico estudado. Busquei compreender explicações para o

estranhamento de alguns e a alegria de outros, bem como a possibilidade da leitura ser instigadora de questionamentos, ampliar os repertório e romper com paradigmas.

### 3. DESCRIÇÃO DO PROCESSO E ANÁLISE DO TRABALHO DE CAMPO

O livro escolhido para a intervenção foi “*Julián é uma sereia*”, de Jessica Love, devido à expressividade nas ilustrações e ao seu potencial pedagógico para abordar temas relacionados à expressão de gênero e ao acolhimento da diversidade.

Figura 3. Capa do livro



Autoria: imagens da autora.

Em entrevista concedida a *Teaching for Change*<sup>5</sup>, Jessica compartilhou o processo de criação da obra, refletindo sobre o lugar que ocupa ao escrever sobre uma criança negra e dissidente de gênero, sendo ela uma mulher branca, cisgênero e heterossexual. Love explica que sempre foi curiosa a respeito das construções de gênero e mantinha uma postura crítica frente às restrições impostas socialmente. Entretanto, em 2012, pouco antes de ter a ideia do livro, iniciou um relacionamento com um homem cujo irmão mais velho é dissidente de gênero. A partir dessa aproximação, passou a ser questionada por pessoas de fora

---

<sup>5</sup>É uma organização sem fins lucrativos fundada em 1989, que coordena um programa que visa incentivar professores, pais e alunos a construir uma sociedade mais equitativa por meio da educação.

da família sobre como abordar temas de gênero com crianças, e foi dessa inquietação que nasceu a necessidade de escrever o livro.

A narrativa acompanha as experiências de Julián, uma criança negra que, ao viajar de metrô com a avó, observa mulheres vestidas como sereias, ele encantado com a cena, deixa a imaginação fluir e se vê no fundo do mar, vivendo como uma sereia. Quando chega em casa, decide transformar-se em uma. Enquanto a avó toma banho, Julián utiliza objetos e tecidos da casa para compor sua fantasia, experimentando um momento de expressão. Ao sair do banho e encontrá-lo vestido como sereia, a avó inicialmente faz uma expressão séria, o que gera uma breve tensão narrativa. Contudo, na página seguinte, o gesto da avó revela acolhimento, ela entrega a Julián um colar de pérolas e o convida para participar de um baile repleto de sereias.

Figura 1 e 2. Julián e sua avó no baile.



Autoria: imagens da autora.

O livro subverte padrões normativos ao apresentar uma narrativa que legitima diferentes formas de expressão de gênero na infância, ao mesmo tempo que destaca a importância da mediação cuidadosa do adulto. O acolhimento da avó constitui um elemento simbólico, pois representa a validação de experiências identitárias que historicamente foram silenciadas e reprimidas. Esta obra oferece subsídios potentes para discussões sobre diversidade, reconhecimento e direito à expressão, configurando-se como recurso pedagógico significativo para práticas educativas comprometidas com a inclusão.

Ao apresentar o livro para as crianças, notei que elas demonstraram total atenção às ilustrações, com exceção de dois meninos, que riram durante a leitura do título. Eles estranharam o fato de um elemento considerado “de meninas” estar sendo utilizado por um menino, no caso, Julián. Louro (2000) explica que meninos e meninas aprendem desde cedo a fazer piadas e atribuir apelidos àqueles que não se encaixam nos padrões de gênero e sexualidade legitimados socialmente. Nessa mesma direção, Finco (2010) aponta que as crianças reproduzem normas de gênero observadas no comportamento dos adultos ou elaboradas a partir de experiências cotidianas. No momento do riso, intervi perguntando se eles gostariam de comentar algo sobre a história, e um deles respondeu: “É um menino vestido de sereia.” Perguntei, então, se eles achavam que os meninos não podiam se fantasiar ou experimentar outras brincadeiras, e antes que eles respondessem, uma menina da turma comentou que as pessoas podem brincar e se fantasiar do que quiserem.

Após esse diálogo, continuei com a leitura do livro e as crianças demonstraram curiosidade pelas ilustrações e, ao longo da narrativa, foram criando hipóteses e expressando comentários espontâneos sobre os sentimentos de Julián. O debate voltou quando Julián se fantasia com os adereços de sua avó, usando a samambaia como cabelo e transformando a cortina em uma cauda de sereia. Durante as falas surgiram questionamentos como: “O que ele está fazendo?” e comentários do tipo: “Minha nossa, minha mãe brigaria comigo se isso acontecesse”. Esse último comentário se refere a “bagunça” feita por Julián na casa de sua avó.

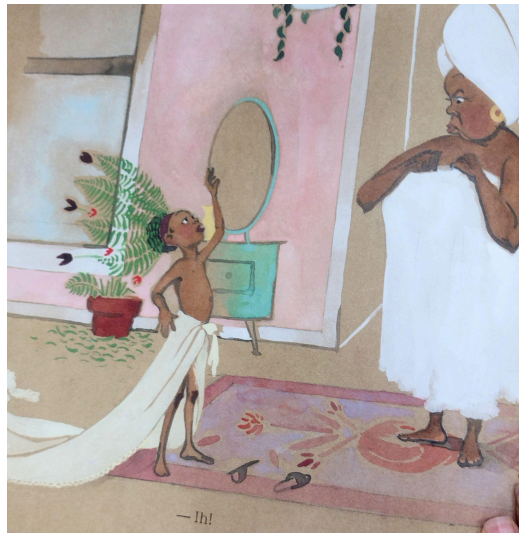
Figura 4 e 5: Julián transformando-se em sereia.



Autoria: imagens da autora

Um ponto que chamou bastante atenção da turma foi a cena em que a avó ao sair do banho, encontra Julián vestido de sereia e, sua expressão facial demonstra que ela está brava com ele, e o mesmo demonstrou estar desapontado com a reação de sua avó. No entanto, na página seguinte, ela entrega um colar de pérolas para Julián, simbolizando acolhimento. As crianças se surpreenderam com o fato de ela não ter se irritado com o neto, mas sim valorizando e validando a sua expressão.

Figura 6: Avó com expressão de brava



Autoria: imagens da autora.

Figura 7: Avó entregando o colar para Julián



Autoria: imagens da autora.

Após a roda de conversa, algumas crianças comentaram que achavam interessante ver um “menino sereia”, que elas mesmas nomearam como “sereio”. Em seguida, perguntei à turma o que elas imaginavam quando pensavam em sereias, e todas elas relataram imaginar uma figura feminina com cauda e biquíni de conchas. Algumas descreveram sereias más, já outras, sereias mágicas no fundo do mar. Essas percepções podem estar relacionadas com as representações nos filmes clássicos, nas quais só aparecem sereias femininas e de acordo com as descrições das crianças. Sabat (2003, p.14) afirma que: “os filmes infantis têm cumprido a função de ensinar modos de ser masculino e feminino, de reiterar a heterossexualidade como a norma e, desse modo, tornar anormal o que não se enquadra nesse campo.” É evidente como a indústria cultural contribui com os estereótipos de gênero, influenciando como as crianças constroem representações sobre si mesmas e sobre o mundo. Essa mesma lógica midiática fortalece a estrutura social que sustenta e reproduz os preconceitos de gênero, normalizando os que estão dentro da heteronormatividade e marginalizando os que estão fora dela.

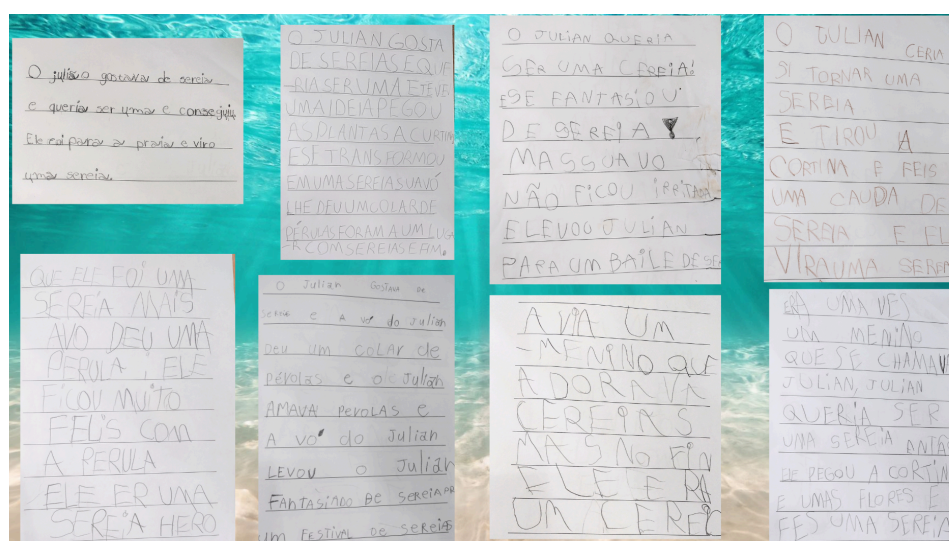
Em consequência disso, é necessário romper com essa imaginação padronizada e ampliar o repertório apresentado para as crianças, de modo que possam valorizar personagens e identidades que fogem das normas tradicionais de gênero. De acordo com Ramalho, 2020: “É extremamente importante personagens de orientações sexuais e identidades de gêneros distintos sendo retratados no cinema de animação, que propõe atingir a todas as idades possíveis, principalmente o público infantil.” Historicamente, a indústria cultural, contribuiu para o apagamento e a marginalização de pessoas LGBTQIA+, reforçando representações estereotipadas. O cenário apresenta sinais de mudança, já é perceptível a representação de personagens que desafiam a normatividade em filmes, desenhos animados e livros de literatura infantil, todavia essa representação ainda é pequena e pouco acessada.

Após isso, perguntei à turma se os meninos também podiam ser sereias ou vestir o que desejassem, e todas as crianças responderam afirmativamente. A turma demonstrou compreensão das diferentes formas de expressão, e algumas

crianças verbalizaram que “cada um pode ser do jeito que quiser”, mostrando que as literaturas, a apresentação de diferentes formas de ser desde a infância e rodas de conversa sobre diversidade e liberdade de expressão são potentes para as reflexões acerca das temáticas sensíveis, escolhidas em uma linguagem adequada e com o olhar sensível para o que as ilustrações estão passando.

Depois da roda de conversa, as crianças fizeram a releitura do texto escrito da obra, na qual puderam demonstrar quais foram suas impressões sobre o livro. Nas produções, as crianças escreveram que Julián era uma sereia, que ele podia ser sereia na imaginação ou que estava fantasiado de sereia, mostrando diferentes interpretações possíveis da narrativa.

Figura 8: Produção textual das crianças



Autoria: imagens da autora.

A segunda etapa foi a produção artística que consistiu na releitura visual da obra. As crianças criaram suas próprias versões de sereias utilizando lápis de cor, conforme recomendado pela professora regente. Foi possível perceber que muitas se inspiraram tanto no personagem Julián quanto na própria imaginação, produzindo figuras femininas e masculinas. A instrução dada foi para que desenhassem um personagem sereia(o) de acordo com a história lida. Todas as meninas escolheram desenhar sereias femininas, e a maior parte dos meninos produziu sereias masculinas, apenas dois deles desenharam sereias femininas.

Foto 9: Crianças realizando a releitura visual



Autoria: imagens da autora.

Foto 10 e 11: Sereias feitas pelas crianças



Autoria: imagens da autora.

De modo geral, a aplicação da sequência didática mostrou-se significativa para o desenvolvimento das habilidades de reflexão, criatividade e expressão das

crianças, favorecendo conversas importantes sobre identidade, sensibilidade e acolhimento.

E depois do livro lido e vivido, sentido e sacado, pedir pros alunos fazerem desenhos do que mais gostaram, teatralizam o capítulo mais emocionante, escreverem para o autor; fazerem de conta que entrevistam o personagem mais incrível, compararem com outras histórias do mesmo escritor ou mesmo gênero, críticas opinativas e pregarem no jornal mural e tantas outras ideias que cada livro dá. Importante é explorar, discutir, clarear. Não cobrar. Fazer vibrar! (ABRAMOVICH, 2004, p. 49)

A experiência possibilitou a construção de um ambiente de respeito e escuta, reforçando a importância da literatura infantil como recurso pedagógico para dialogar sobre diversidade no contexto escolar. Coelho (2000) afirma que a literatura amplia o repertório cultural das crianças ao apresentar narrativas variadas, inclusive aquelas que trabalham temas considerados complexos ou delicados. Nessa perspectiva, a obra de Jessica Love assume papel fundamental ao apresentar questões de gênero, possibilitando que as crianças compreendam a multiplicidade de formas de expressão e identidade. Abramovich (2004) ressalta que a literatura oferece às crianças a ampliação de horizontes e a possibilidade de identificação com personagens. Louro (2000) destaca que “as coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual”, evidenciando a importância de tratarmos temas de gênero de forma natural, já que a escola se torna ferramenta essencial para o enfrentamento das violências simbólicas. A partir disso, busquei compreender explicações para o estranhamento de algumas crianças em relação à história. Finco (2006) afirma que esse estranhamento decorre da reprodução de comportamentos sociais que surgem quando o diferente não é conhecido.

Dessa forma, a literatura mediada por obras como *Julián é uma sereia*, permite que as crianças questionem as normas de gênero que estão enraizadas em nossa cultura. A literatura atua como espaço de elaboração simbólica, oferecendo ferramentas para que as crianças construam significados e experimentem as diversas perspectivas, configurando-se como espaço de contato com diferentes dimensões da experiência humana.

#### **4. CONCLUSÃO**

Após a análise da importância de trabalhar a temática de gênero na escola e compreender de que modo a literatura infantil pode contribuir para a desconstrução de estereótipos, é evidente que a abordagem pedagógica sobre diversidade ainda representa desafios. O estudo dos documentos normativos e das referências bibliográficas mostrou que temas relacionados à identidade de gênero e orientação sexual permanecem frequentemente silenciados nas escolas, seja pela insegurança dos docentes, seja pelo apagamento histórico das existências LGBTQIA+ no espaço social.

Os paradigmas que sustentam esses silenciamentos só podem ser transformados quando se reconhece que há múltiplas e legítimas formas de existir. Como afirma Chimamanda Ngozi Adichie (2015, p.12), “os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade”. Tal constatação evidencia o enraizamento das normas de gênero e a dificuldade de desconstruí-las ao longo da vida, reforçando a urgência de criar espaços educativos que favoreçam o questionamento, a participação e a reflexão crítica desde a infância.

Além disso, a experiência em sala de aula, mediada pela leitura do livro *Julián é uma sereia*, demonstrou que as crianças possuem capacidade de elaborar sentidos complexos sobre diversidade quando têm oportunidade para dialogar. Ao ouvir, questionar e interpretar, elas constroem significados, mostrando o potencial transformador da literatura infantil como instrumento pedagógico de ampliação de repertórios e de enfrentamento dos preconceitos.

Nesse contexto, a prática educativa precisa assumir um compromisso ético e formativo baseado na abertura ao diálogo e na valorização da pluralidade humana. Paulo Freire nos lembra que a educação é sempre um ato de criação e de reinvenção do mundo, por isso, cabe à escola cultivar práticas que favoreçam a leitura crítica da realidade e possibilitem às crianças compreender e transformar as estruturas que as cercam. Trabalhar gênero no contexto escolar é uma ação que contribui para a construção de sujeitos mais conscientes, sensíveis e capazes de reconhecer e respeitar as diversas formas de existir.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2003.
- ABRAMOVICH, Fanny. **O que é literatura infantil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ADICHIE, Chimamanda. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- AGAPTO, Leidy Morgana de Sousa. **Isto já não é mais um conto de fadas: estereótipos femininos na literatura infantil**. 2022. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.
- BORGES, Divimary. **A desconstrução dos estereótipos de gênero na educação a partir da literatura infantojuvenil**. Revista VIDA: Ciências Humanas, v. 2, n. 1, p. 1–10, 2023.
- BONOTTO, Martha Eddy Krummenauer Kling. **Literatura e leitura infantil e juvenil**. Rio de Janeiro: Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- CASADO, Laís Campos. **Pânico moral e seus profetas: A moralização do projeto “Escola Sem Homofobia” nas eleições presidenciais de 2018**. Dissertação de mestrado. Projeto de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2020.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSTA, Flávia Ferreira da. **Tecendo identidades de gênero: contribuições da leitura de narrativas literárias de recepção infantil e juvenil**. 2024. 48 f. Produto Educacional (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.
- DIAS, Cristiana Kaipper. **O papel da escola no processo de construção de gênero em identidades trans**. 2023. 300 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em movimento da educação básica: pressupostos teóricos**. Brasília, 2018.

ESCOFFIER, Michael. **Princesa Kevin**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

ESTRELA, Joana. **Menino Menina**. Rio de Janeiro: Pequena Zahar. 2021

FINCO, Daniela. **Relações sociais de gênero, práticas educativas e “transgressões” de meninas e meninos na educação infantil**. Universidade de São Paulo, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completa**. São Paulo. Autores Associados. Cortez. 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório 2024 de mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil**. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2025/01/27/observatorio-2024-de-mortes-violentas-de-lgbt-no-brasil-grupo-ggb/>. Acesso em: 1 maio 2025.

HILGEMBERG, Larissa Priscila Bredow; ANDRADE, Ana Paula. **Projeto Escola Sem Homofobia e a invenção do “kit gay”**. Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas Processos Identitários e Poder – UFS, v. 11, n. 21, p. 80–104, 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejos: Diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 1960.

KARI, Anna. Gênero e saúde. **Organização Mundial da Saúde**. Disponível em: [https://www.who.int/health-topics/gender#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/gender#tab=tab_1). Acesso em: 26 out. 2025.

LEITE, Márcia. **Olívia tem dois papais**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

LESLÃO, Janaína. **A princesa e a costureira**. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2016.

LOVE, Jessica. **Julián é uma sereia**. São Paulo: Editora Boitatá, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MATOS, Guilherme. **Significado de status quo**. Dicionário Direito. Disponível em: <https://dicionariodireito.com.br/status-quo/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

OLIVEIRA, John Brendo Diniz. **Saindo do armário: monstros e representações sociais na literatura infantil**. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024.

PATERNOTTE, David; KUHAR, Roman. **“Ideologia de gênero” em movimento**. Psicologia Política, v. 18, n. 43, p. 1–15, 2018.

RAMALHO, Felipe de Castro. A Representação do diverso no cinema de animação. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais. 2020.

RODRIGUES, Adriège Matias; RODRIGUES, Ana Cláudia da Silva. MAPEANDO O CONTEXTO DE INFLUÊNCIA DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Revista LES, Teresina , v. 28, n. 57, 4310, 2024 .

SALEIRO, Sandra Palma. **Diversidade de gênero na infância e educação: contributos para uma escola sensível aos (trans)gênero**. CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, n. 36, p. 149–165, 2017.

SARAIVA, Cristina. **Dois mamães**. Semente Editorial. 2021

SILVA, Francisco Thiago. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o “currículo em movimento” do Distrito Federal: contradições e subversões prescritivas**. Educação: Teoria e Prática, v. 35, n. 69, p. 1–28, Rio Claro, 2025.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1985.